

RAIMUNDO  
CARRERO

Memórias

CLARICE  
LISPECTOR

Entrevista

ATAQUE AO  
MOSQUITO

História

A CHACINA  
DE SALGUEIRO

Debate

FRAUDE NO  
MERCADO

Registro



AP ARQUIVO  
PÚBLICO | 70  
PERNAMBUCO ANOS

Ano 2 | N° 2 | Mai/Jun 2016

# memória ativa

## A história em chamas

Os grandes incêndios que transformaram a  
memória da humanidade em cinza



CHEGOU A HORA DE  
CONTAR UMA NOVA HISTÓRIA

# 2º PRÊMIO CEPE NACIONAL DE LITERATURA

## INSCRIÇÕES ABERTAS

A SEGUNDA EDIÇÃO DO CONCURSO PREMIARÁ  
EM R\$ 20.000,00 OS TEXTOS DOS QUATRO MELHORES  
AUTORES NAS CATEGORIAS ROMANCE, CONTO, POESIA  
E LITERATURA INFANTO-JUVENIL, ALÉM DA POSSIBILIDADE  
DE TEREM SEU LIVRO PÚBLICADO PELA CEPE EDITORA,  
UMA DAS MAIS PRESTIGIADAS DO BRASIL.

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ACESSE:  
[EDITORACEPE.COM.BR/PREMIO2016](http://EDITORACEPE.COM.BR/PREMIO2016)

REALIZAÇÃO

Cepe  
EDITORA

[FACEBOOK.COM/CEPEEDITORADB](https://www.facebook.com/CEPEEDITORADB)

# As lições da memória

ROBERTO PEREIRA



Debate sobre a Chacina de Salgueiro no Arquivo Público de Pernambuco: entender o passado para construir o futuro

*Evaldo Costa*

**O** que um crime bárbaro, cometido há 31 anos por um capitão da Polícia Militar e um punhado de soldados, no Sertão de Pernambuco, tem a ver com a operação de guerra montada para combater o mosquito *aedes aegypti* no Rio de Janeiro e que gerou uma revolta popular há mais de um século? E o que estas duas histórias têm em comum com suspeitas de irregularidades e superfaturamento de uma obra pública feita no Recife há quase 150 anos? Ou com o relato de grandes incêndios que vêm destruindo bibliotecas e museus desde que o homem começou a preservar e guardar documentos, livros e obras de arte?

As quatro histórias estão contadas nesta segunda edição da revista **Memória Ativa**. Baseadas em fatos que aconteceram em locais, épocas e contextos diferentes, elas trazem pelo menos um ponto em comum. As quatro narrativas, embora tratem de acontecimentos passados, estão de alguma forma conectadas com o presente. Esqueça as datas e os personagens envolvidos e, com algumas pequenas atualizações de contexto,

elas poderiam estampar as manchetes dos jornais de hoje. Não é verdade?

Por isso mesmo, essas histórias nos deixam lições importantes, ensinando como aprender com o passado para entender o presente e ajudar na construção de um futuro melhor. Os textos são um convite para que o leitor reflita e procure responder questões como:

– Será que episódios narrados nas reportagens poderiam acontecer, ou estão acontecendo, nos dias atuais?

– Nossa sociedade evoluiu ao ponto de evitar que eles se repitam?

Esse, por sinal, é o espírito da revista **Memória Ativa**. Queremos criar pontes entre o passado e o presente, sem perder o foco no futuro. Acreditamos na memória como um instrumento de compreensão e de transformação da realidade.

Por último, não poderíamos deixar de homenagear o homem que contou a história do futebol pernambucano através dos números e que, infelizmente, nos deixou no início do ano. Conheça Carlos Celso Cordeiro e saiba como, depois de mais de 30 anos garimpando informações na hemeroteca do Arquivo Público, ele virou a maior fonte de dados sobre os clubes e o futebol do estado.

# Aventura literária no Arquivo

**Raimundo Carrero**

**F**oi no tempo da colheita. Estava terminando de escrever *As Sombrias Ruínas da Alma* e precisava de informações sobre Santo Antônio para uma novela projetada desde a juventude. Procurei o Arquivo Público Estadual e fui muito bem recebido pela bibliotecária Lúcia Néry da Fonseca. Logo recebi uma exemplar bibliografia - desde calendário até livros refinados. Ela subia e descia escadas de madeira na biblioteca, procurava livros raros, raríssimos, localizava revistas e jornais antigos e novos, atendia com uma presteza e uma delicadeza impressionantes.

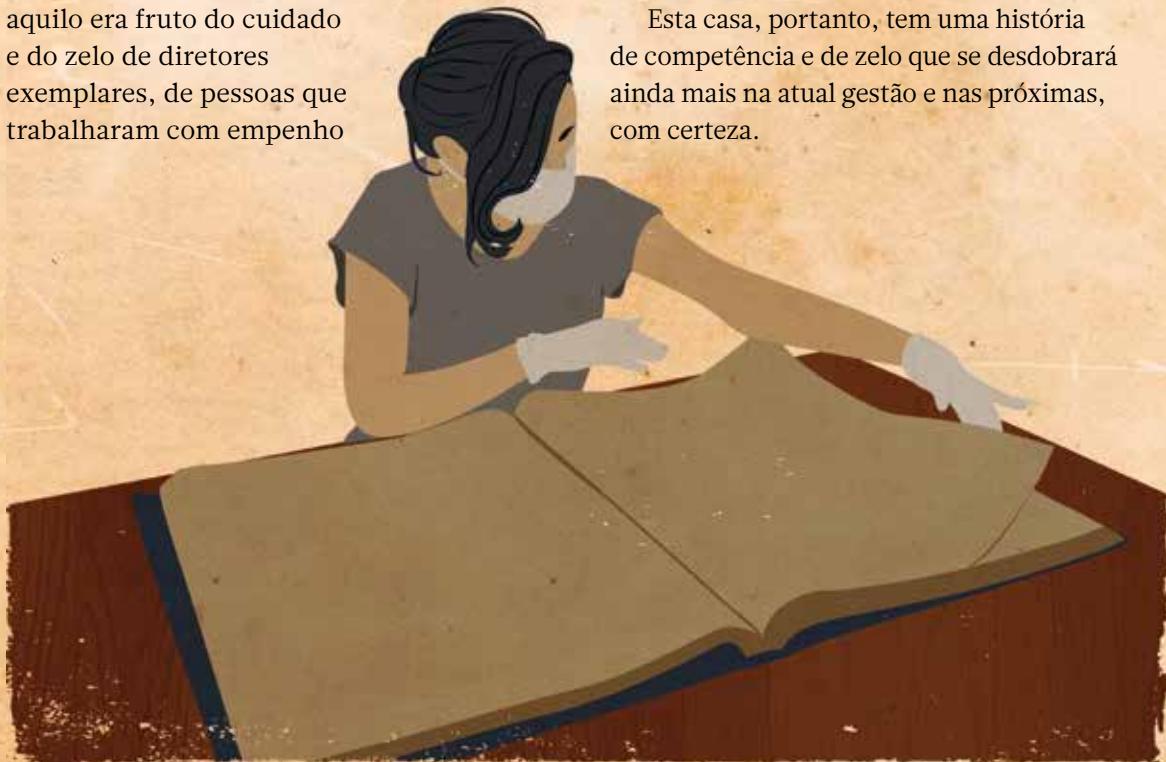
Mas, além do trabalho de Lúcia impressionava-me o fato de o Arquivo Público dispor de uma bibliografia tão rara e tão bem cuidada, preservadíssima. E todos nós sabemos que o Arquivo nem sempre contou com as verbas necessárias. Tudo aquilo era fruto do cuidado e do zelo de diretores exemplares, de pessoas que trabalharam com empenho

e determinação. Chamo a atenção para dois diretores consagrados - Jordão Emerenciano e Mauro Mota.

Jordão marcou a história cultural pernambucana justamente por sua presença no Arquivo, com o apoio de secretários de Educação e de governadores, e, é claro, pela seleção e zelo com os documentos que, de fato, interessariam à História de Pernambuco, mesmo quando não agradavam aos poderosos. E isto é decisivo.

Mauro cuidou de publicar aqueles documentos que dormiam nas prateleiras e que precisavam chegar ao público, não somente como relíquias antigas, mas como palavras e informações vivas que chegavam com a agilidade da situação. Sem a atenção e o zelo de um Jordão e de um Mauro, os cuidados da gentil Lúcia seriam, por assim dizer, inúteis.

Esta casa, portanto, tem uma história de competência e de zelo que se desdobrará ainda mais na atual gestão e nas próximas, com certeza.



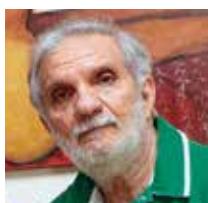
# SUMÁRIO



4

- 2 NEURÔNIO** Aventura literária no Arquivo
- 
- 4 CAPA** Quando a memória vira cinzas
- 
- 12 DEBATE** As lições de uma chacina
- 
- 16 REPORTAGEM** A primeira grande guerra contra o aedes
- 
- 20 HISTÓRIA** Operação Mercado de São José
- 
- 24 HOMENAGEM** O Google do futebol pernambucano
- 
- 27 DOCUMENTO** O começo da imprensa oficial
- 
- 28 ENTREVISTA** Resgatando Clarice Lispector
- 
- 34 ALMANAQUE** Notícias, frases e afins
- 
- 36 MIL PALAVRAS** Recife e o Zeppelin

## COLABORADORES



**Raimundo Carrero**  
Jornalista e escritor,  
membro da Academia  
Pernambucana de Letras.  
Vencedor do Prêmio  
Jabutí em 2000.



**Maria Luísa Falcão**  
Estudante de design e  
ilustradora, colabora  
com várias publicações.



**Roberto Pereira**  
Fotógrafo com grande  
experiência em cobertura  
política e governamental.

## EXPEDIENTE

### memória ativa

Uma publicação do Arquivo Público  
Estadual Jordão Emerenciano

Governador do Estado de Pernambuco  
**Paulo Henrique Saraiva** Câmara

Secretário da Casa Civil  
**Antônio Carlos Figueira**

Gestor do Arquivo Público  
**Evaldo Costa**

\*\*\*

Editor-Chefe  
**Evaldo Costa** (DRT/PE 1147)

Editor  
**Sérgio Miguel Buarque** (DRT/PE 2331)

Projeto Gráfico/Arte  
**Luiz Arrais** (DRT/PE 3054)

Revisão  
**Adelaide Ribeiro**

Arquivo Público  
R. Imperador Pedro Segundo, 371  
S. Antônio, Recife/PE, CEP 50010-240  
Telefone: (81) 3224-0620

Impressão  
Cia Editora de Pernambuco - CEPE  
Rua Coelho Leite, 530 - Santo Amaro  
Recife/PE - CEP 50100-140  
Fone: 0800 081 1201 - Ligação gratuita

Os artigos assinados não refletem  
necessariamente a opinião da revista.



29 de abril de  
1986: visão do  
alto de incêndio  
na Biblioteca  
Central de Los  
Angeles

CAPA



# Quando a história vira cinza

Da mitológica Biblioteca de Alexandria ao Museu da Língua Portuguesa (foto), em São Paulo, os incêndios assombram as instituições de preservação da memória

**Sérgio Miguel Buarque**



“Desde a Antiguidade, a biblioteca sempre foi o local mais apropriado para conservar e destruir livros em grande escala. Reunidas num único edifício, publicações das mais diversas origens acabam sendo alvo fácil para ódios políticos ou ainda vítimas passivas de guerras e de acidentes naturais. Assim, a história das bibliotecas, vista em seu conjunto, tem pouca semelhança com a placidez de um salão de leitura. Envolve desfechos violentos e interrupções abruptas, disputas e estratégias. É uma história conturbada”.

**Matthew Battles**, em “A Conturbada História das Bibliotecas”

Era uma segunda-feira de chuva e ventos fortes no movimentado Centro de São Paulo, quatro dias antes do Natal. As imagens do histórico prédio da Estação da Luz em chamas correram o país pelas redes sociais e sites de notícia na velocidade em que o fogaréu consumia os três pavimentos onde funcionava o Museu da Língua Portuguesa. Horas depois, após o fogo controlado, os escombros fumegantes eram a parte visível da tragédia que, além da morte do bombeiro civil Ronaldo Pereira da Cruz, causou a destruição total da instituição que funcionava no local desde 2006.

Episódios como o que aconteceu na Estação da Luz nos últimos dias de 2015, infelizmente, são recorrentes em instituições de preservação da memória. Um incêndio é o que há de mais devastador para museus, bibliotecas ou arquivos públicos, pois não somente consome o acervo com assustadora rapidez, como, ao ser combatido, provoca danos terríveis aos volumes que lhe escapam. Ironicamente, a água também é grande destruidora de livros e documentos.

No caso do Museu da Língua Portuguesa os danos foram enormes, porém, recuperáveis. Isso porque, todo acervo da instituição era virtual e poderá ser reconstruído a partir dos backups de arquivos que se mantiveram intactos. Em relação à exposição temporária em homenagem a Câmara Cascudo, que estava em

cartaz no dia do incêndio, as perdas também foram contornáveis já que não havia peças originais, apenas réplicas e elementos museográficos. Em nota oficial, a direção da instituição garantiu que o “museu, assim como a nossa língua, permanecerá vivo e dinâmico”.

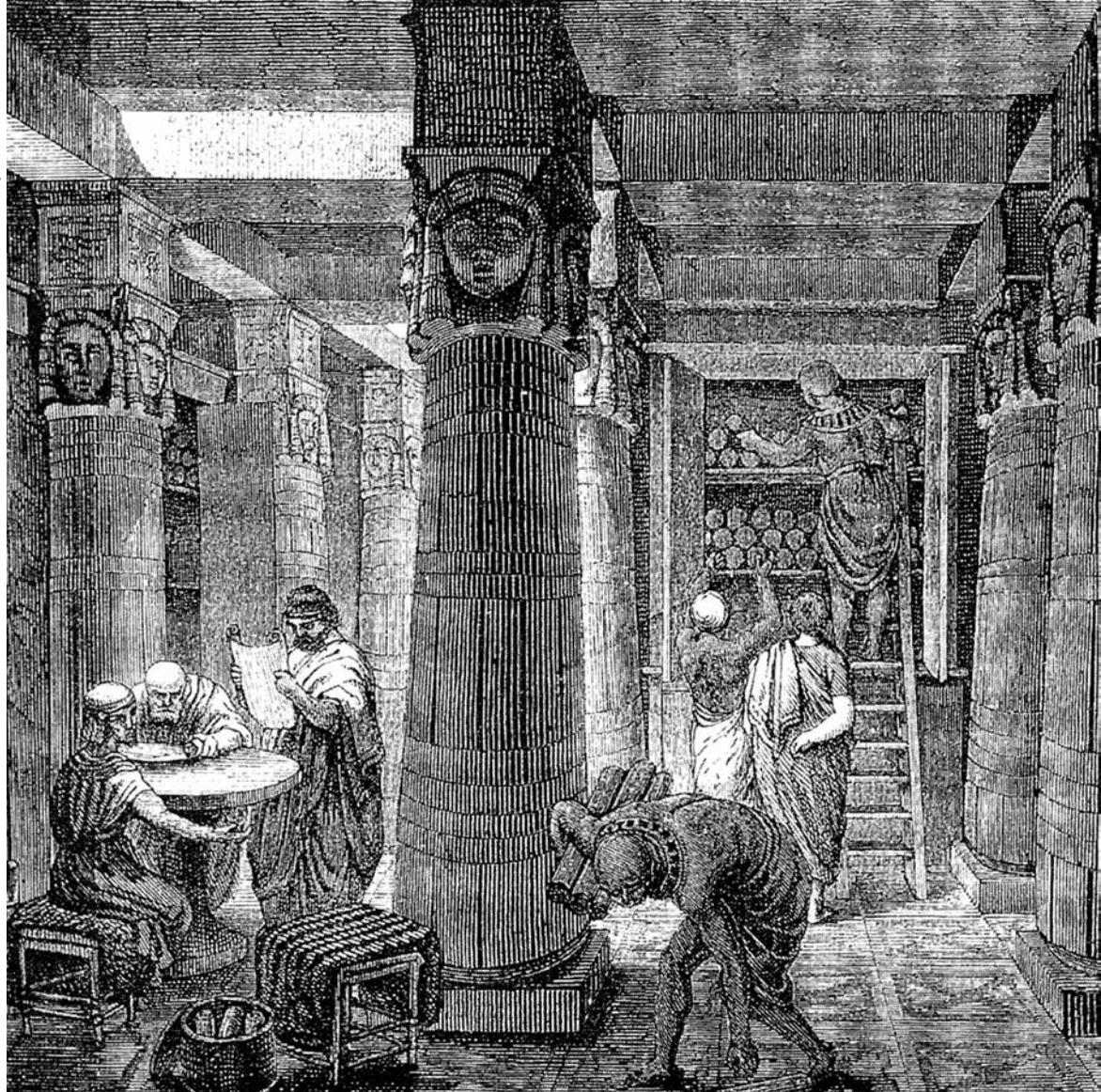
Desfechos como o do Museu da Língua Portuguesa, onde o acervo poderá ser recuperado, são exceções possíveis por conta dos avanços tecnológicos e pelo tipo de museografia adotada para a preservação de um patrimônio imaterial como é a língua falada por uma nação. Ao longo da história, a regra é de perdas irrecuperáveis causadas por incêndios, abrindo lacunas irreparáveis na construção da memória da humanidade.

#### A MITOLÓGICA ALEXANDRIA

O incêndio mais famoso envolvendo uma instituição de preservação da memória foi o que teria destruído a famosa Biblioteca de Alexandria no século VII. Criada no princípio do século III a.C., durante cerca de mil anos abrigou o maior patrimônio cultural e científico de toda a Antiguidade. Quando o fogo a destruiu, existiam cerca de 400 mil papiros. Mesmo sendo um número expressivo, representava provavelmente apenas 10% do acervo guardado pela instituição em seus tempos áureos. De qualquer forma, textos fundamentais para a ciência como os de Euclides (geometria e óptica), Arquimedes (matemática), Ptolomeu (astronomia), Galeno e Herófilo (medicina), entre tantos outros, viraram cinza.

Embora as condições, causas e, principalmente, responsabilidade pelo incêndio na biblioteca mais famosa da Antiguidade dividam a opinião de historiadores (há quem ache, inclusive, que ele não foi a causa do fim da biblioteca), a versão predominante no ocidente é que a ordem de destruição partiu de Amr ibn al-As, governador provincial do Egito em nome do califa Rashidun Omar ibn al-Khattab, pouco depois da conquista do Egito comandada por Amr em 642.

Conta-se que, quando Amr perguntou ao Califa o que fazer com “a biblioteca que continha todo o conhecimento do mundo”, Omar teria respondido que “se os livros contêm a



Em Alexandria,  
“a biblioteca  
que continha o  
conhecimento do  
mundo”

## Episódios como o que aconteceu na Estação da Luz são recorrentes em instituições de preservação da memória

mesma doutrina do Corão, não servem para nada, porque são repetitivos; se os livros não estão de acordo com a doutrina do Corão, não há razão para conservá-los”. Verdade ou mito, o fato é que o evento acabou se tornando símbolo do uso do poder destrutivo do fogo com objetivos religiosos, ideológicos ou políticos.

Fernanda Mayer Evangelista, em seu trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, elencou alguns dos principais casos históricos em que papéis ou livros foram destruídos, intencionalmente, pelos “conquistadores”. Foi assim, cerca de cem anos depois de Alexandria, com as bibliotecas bizantinas: em 730, centenas de manuscritos foram queimados; em 781, os palácios e parte da cidade arderam e, junto com eles, centenas de textos, incluindo os de São Crisóstomo; de 802 a 807, a tomada de basílicas iniciou um incêndio que destruiu um número superior a 120 mil livros. Mas o verdadeiro terror veio em 1204, quando a Quarta Cruzada alcançou Constantinopla e milhares de manuscritos foram perdidos para sempre.

A lista compilada por Fernanda Mayer segue com o exemplo da cidade de Cremona, em 1569, onde 12 mil livros escritos em hebraico foram queimados em público, por serem considera-

dos heréticos somente por sua língua; o Cardeal Ximenes, na conquista de Granada, tratou 5 mil cópias do Corão da mesma maneira.

As guerras, obviamente, também deram sua grande contribuição para transformar memória em cinzas. Em 1870, a Biblioteca de Strasbourg acabou queimada por bombardeios do exército alemão. No episódio, desapareceu para sempre, junto com outros documentos únicos, os registros originais das famosas disputas judiciais entre Johannes Gutenberg e seus sócios, dos quais dependia a interpretação correta da reivindicação de Gutenberg como inventor da imprensa.

Anos antes da Segunda Grande Guerra, a Universidade Humboldt de Berlim teve 25 mil livros queimados na Opernplatz (atualmente conhecida como Bebelplatz), no dia 10 de maio de 1933. Os livros proibidos haviam sido escritos por oponentes do regime nazista. A universidade foi transformada em uma instituição nazista de ensino e seus professores e estudantes judeus ou que se opunham ao nazismo foram expulsos, deportados ou mesmo assassinados.

Atualmente, há um monumento criado pelo escultor israelita Micha Ullmann nesta praça — trata-se de uma sala subterrânea, totalmente branca, com prateleiras vazias que poderiam abrigar exatas 25 mil obras. A sala é coberta por um painel de vidro transparente, e pode-se ler uma placa com a seguinte frase do escritor alemão Heinrich Heine: “Onde queimam livros, acabam queimando homens”.

No dia 13 de abril de 2003, durante a Segunda Guerra do Golfo, a Biblioteca Nacional de Bagdá (Iraque) foi completamente destruída pelo fogo. Primeiro, a biblioteca sofreu durante uma semana a ação dos saqueadores. Após os saques estimulados pela total passividade dos militares norte-americanos, alguns ônibus sem identificação chegaram ao local e seus ocupantes ensoparam as estantes com combustível e atearam fogo à biblioteca, que perdeu cerca de um milhão de livros.

Muitos documentos e registros históricos se perderam ao longo do tempo também por conta de incêndios acidentais. Alguns dos mais marcantes não ficaram de fora do trabalho de



Fernanda Mayer. Em 1º de novembro de 1755, por exemplo, após um terremoto em Lisboa, focos de incêndio atingiram a Real Biblioteca, destruindo seu acervo de cerca de 70 mil volumes (entre obras raras, documentos, gravuras, códices, partituras, incunábulos e mapas). Curiosamente, os documentos que puderam ser resgatados foram posteriormente trazidos ao Brasil, com a vinda da Família Real, e deram origem à Biblioteca Nacional.

Uma década depois, só que do outro lado do Atlântico, foi a vez da biblioteca da Universidade de Harvard ser atingida pelo fogo. Em 1764 a instituição teve 4.600 dos seus cinco mil volumes destruídos. Os 400 livros que escaparam do incêndio estavam emprestados aos estudantes. Ainda nos EUA, a *Library of Congress*, passou por dois incêndios: o primeiro, no dia 24 de agosto de 1814, vitimou 2.600 livros. O segundo, em 24 de dezembro de 1851, destruiu 35 mil dos 55 mil volumes que constituíam o acervo da biblioteca.

Mais recentemente, ainda segundo a pesquisa feita por Mayer no seu trabalho “Incêndios em Bibliotecas: a perda da memória patrimonial e os prós e contras dos métodos de prevenção e con-



REPRODUÇÃO

Biblioteca de Londres destruída após bombardeio alemão na Segunda Guerra

trole”, a Biblioteca Pública de Los Angeles, passou por três incêndios em três anos. O primeiro incêndio foi criminoso (teria sido provocado por um funcionário da biblioteca), e aconteceu em 29 de abril de 1985, quando 400 mil volumes foram destruídos pelo fogo e 700 mil ficaram seriamente comprometidos pela água usada no combate ao incêndio. Setenta por cento da coleção foi perdida, e o prejuízo total do incêndio foi estimado em US\$ 24 milhões.

O segundo episódio ocorreu pouco mais de quatro meses após o primeiro, e também foi criminoso. Mais de US\$ 2 milhões em coleções musicais foram perdidos. O terceiro incêndio aconteceu em 11 de outubro de 1988, e foi causado por um trabalho de solda. Curiosamente, foi o menos catastrófico para a instituição: o prejuízo foi de apenas US\$ 1 mil.

Suspeita-se que uma falha elétrica tenha sido a origem do incêndio na Biblioteca da Academia de Ciências da União Soviética, em Leningrado, em 14 de fevereiro de 1988. O fogo destruiu 400 mil volumes raros; a água do combate danificou mais de 3,6 milhões de obras — foi uma das maiores destruições vistas no século XX. O prédio não possuía detectores de fumaça ou

sprinklers. Também causado por uma falha elétrica, o incêndio na Biblioteca Central de Norwich, na Inglaterra, em 1º de agosto de 1994, destruiu 350 mil livros. Entre os volumes destruídos estavam manuscritos do século XI.

Em 2 de setembro de 2004, um incêndio na Biblioteca Anna Amalia, localizada na cidade alemã de Weimar, destruiu cerca de 50 mil obras dos séculos XVI, XVII e XVIII, e deixou 62 mil volumes (seriamente danificados pela fumaça e pela água) a serem restaurados — 16 mil obras foram restauradas na cidade de Leipzig. Anna Amalia já era considerada uma das doze bibliotecas mais importantes da Alemanha quando, em 2001, foi declarada patrimônio da humanidade pela Unesco — tanto por seu acervo como por seu valor arquitetônico.

A biblioteca possuía um acervo de cerca de 1 milhão de exemplares, entre eles estavam 2.000 pergaminhos medievais, 8.400 mapas históricos, 500 manuscritos de Nietzsche e uma coleção de bíblias que incluía a bíblia de Martinho Lutero, de 1534, que foi resgatada das chamas. O incêndio foi causado por uma falha elétrica e, enquanto os bombeiros tentavam conter o fogo, mais de 500 pessoas formaram

# É melhor prevenir

A proteção ativa inclui a instalação de equipamentos contra incêndio adequados

Bibliotecas, arquivos públicos e instituições de preservação de memória, em geral, possuem acervo constituído por material combustível (papel, telas, madeira) armazenado em prateleiras, o que cria áreas densas e, consequentemente, vulneráveis a incêndios. Em ambientes assim, a melhor maneira de se combater o fogo é evitar que ele aconteça. Mas o que parece óbvio, nem sempre acontece na prática.

A sensação é que os dirigentes dessas instituições acreditam que as tragédias só irão acontecer em outros locais. Mas existe uma explicação concreta para o "descuido". A verdade é que a prevenção exige investimento e, em uma realidade onde o orçamento destinado à cultura é cada vez menor, esses cuidados básicos acabam não sendo implementados.

Rosaria Ono, professora titular do Departamento de Tecnologia da Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e que tem experiência na área de segurança contra incêndio, explica que no campo da proteção contra o fogo, os sistemas são divididos em proteção passiva e proteção ativa.

Segundo ela, a proteção passiva é constituída de medidas de contraincêndio incorporadas ao edifício e que não necessitam de um acionamento para o seu funcionamento em caso de incêndio, podendo desempenhar ou não outra função paralela



REPRODUÇÃO

ao longo do seu uso. Uma das medidas de proteção passiva de grande repercussão numa situação de incêndio, mas pouco considerada pelos projetistas, é a acessibilidade, essencial ao bom desempenho das atividades de salvamento e combate das equipes do corpo de bombeiros.

A provisão de rotas de fuga, ou seja, meios de abandono seguro do edifício pelos seus ocupantes também é uma medida de proteção passiva determinada no projeto arquitetônico. A definição do grau de resistência ao fogo dos elementos construtivos e estruturais e dos compartimentos, que estabelece a limitação ou contenção do crescimento do incêndio no interior do edifício, assim como o nível de proteção dos seus ocupantes, também são medidas de proteção passiva que devem ser planejadas no projeto do edifício.

Outra questão importante a ser considerada nas medidas de proteção passiva, designadas tecnicamente de reação ao fogo, é o controle da qualidade (características) e quantidade de materiais combustíveis incorporados tanto no acabamento interno quanto no conteúdo do

edifício pois estas são componentes decisivas na velocidade de desenvolvimento do incêndio, assim como na sua intensidade e duração.

A proteção ativa inclui a instalação de equipamentos de proteção contra incêndio – estes necessitam ser acionados manual ou automaticamente. Esta instalação visa a rápida detecção do incêndio, o alerta aos ocupantes da instituição (abandono em segurança) e/ou o eficiente combate e controle do fogo.

Principais sistemas de proteção ativa:

- Sistema de alarme manual de incêndio (botoeiras);
- Sistema de detecção e alarme automáticos de incêndio (detector de fumaça, temperatura, raios infravermelhos, entre outros, ligados a alarmes automáticos);
- Sistemas de combate manual de incêndio (extintores e hidrantes);
- Sistemas de extinção automática de incêndio (chuveiros automáticos – *sprinklers* – e outros sistemas especiais de água ou gases);
- Sistema de iluminação de emergência;
- Sistema de controle/exaustão da fumaça de incêndio.

uma corrente humana e salvaram cerca de 6.000 obras. Mesmo assim, a valiosa coleção de livros musicais, que ficava na sala principal, foi completamente destruída.

### MEMÓRIA EM CORES

A memória e o registro do conhecimento humano não estão preservados, obviamente, apenas em textos escritos como os papiros e os livros queimados em Alexandria. Ao longo da história, incêndios em museus destruiram inúmeras obras de artes. Obras-primas como “O pintor em sua maneira de trabalhar” de Vincent Van Gogh, por exemplo, foi perdida para sempre em um incêndio no Museu Kaiser Friedrich em Berlim, durante a Segunda Guerra Mundial.

Um dos fundadores do movimento impressionista francês, Claude Monet também teve pinturas suas perdidas para o fogo. No início de 1883 ele criou diversas obras da série “Íris de água”. Duas dessas obras foram adquiridas pelo Museu de Nova York de Arte Moderna (MoMA) em 1957. Só que em 15 de abril do ano seguinte, um incêndio no segundo andar do MoMA destruiu a obra “Flor de Lótus” que media dezoito metros de comprimento, junto com uma outra menor.

Investigações indicam que o fogo começou porque operários que instalavam o sistema de refrigeração fumaram perto de latas de tinta, serragem e capas de proteção de quadros. Um trabalhador morreu e vários bombeiros tiveram de receber tratamento médico após inalar fumaça. A equipe do museu ainda tentou recuperar a grande “Flor de Lótus”, mas ela foi considerada perdida devido ao fogo e o dano pela água usada pelos bombeiros. Durante três anos, o museu ainda tentou recuperar, sem sucesso, a versão menor da pintura.

No Brasil, um dos exemplos mais marcantes de destruição do patrimônio cultural pelo fogo é recente. Em 8 de julho de 1978, o Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro foi praticamente todo consumido por um incêndio. De acordo com a reportagem publicada no jornal *O Globo* descrevendo o incidente, “em 40 minutos, o fogo destruiu duas telas de Picasso, duas de Miró e centenas de obras de artistas brasileiros. Do acervo, de mais de mil peças, restaram ape-

O combate a incêndios, de acordo com o Estatuto de Museus (Lei 11.904, de 14 de janeiro de 2009):

Art. 19. Todo museu deverá dispor de instalações adequadas ao cumprimento das funções necessárias, bem como ao bem-estar dos usuários e funcionários.

Art. 20. Compete à direção dos museus assegurar o seu bom funcionamento, o cumprimento do plano museológico por meio de funções especializadas, bem como planejar e coordenar a execução do plano anual de atividades.

Art. 23. Os museus devem dispor das condições de segurança indispensáveis para garantir a proteção e a integridade dos bens culturais sob sua guarda, bem como dos usuários, dos respectivos funcionários e das instalações.

Parágrafo único. Cada museu deve dispor de um Programa de Segurança periodicamente testado para prevenir e neutralizar perigos.

nas 50”. O incêndio ainda destruiu as 200 obras que estavam emprestadas à instituição para a exposição especial “Arte Agora III — América Latina: Geometria sensível” — entre as quais 80 telas do uruguai Torres-García.

O incêndio teria sido causado, provavelmente, por uma falha elétrica. O problema é que o imponente e belo prédio de arquitetura moderna não possuía sistema de detecção, alarme ou extinção automáticos. O incidente teve uma péssima repercussão, prejudicando a imagem do Brasil no setor artístico internacional. Para se ter uma ideia, apenas nos anos de 1990 o país voltou a abrigar exposições de grande porte vindas do exterior.

Em 1982, com o prédio restaurado, o MAM Rio foi reaberto ao público. Mas o acervo já-mais voltaria a ser o mesmo. Na década de 1980 diversas campanhas foram realizadas buscando restituir a coleção através de doações e patrocínios. Foi iniciada, em 1986, a coleção de fotografia e equipamentos que hoje somam cerca de 3800 itens. Com doações particulares e privadas e patrocínios para aquisições, o museu adquiriu importantes obras históricas e contemporâneas totalizando atualmente cerca de 6.500 obras.

DEBATE

ROBERTO PEREIRA

# Lições da chacina de Salgueiro

Debater e entender o crime bárbaro que aconteceu há três décadas ajuda a evitar que fatos assim voltem a acontecer





Evaldo Costa, gestor do Arquivo Público, conduziu o debate que jogou luz sobre o tema polêmico

**O** sol ainda não tinha surgido naquele madrugada de 25 de fevereiro de 1985 quando, às 4h30, o ônibus que havia saído do Recife na noite anterior é obrigado a parar em frente ao Batalhão da Polícia Militar de Salgueiro, a 513 quilômetros da capital. Naquele momento, o capitão da PM Hélio Ângelo dos Santos desce do veículo, segue em direção ao quartel e chama todos os soldados que estavam de plantão. Minutos depois o capitão, acompanhado dos soldados (apenas cinco deles foram reconhecidos posteriormente e processados com o oficial), torna-se protagonista do que viria a ser lembrado como a Chacina de Salgueiro, um crime bárbaro que chocou o Brasil.

As três vítimas, que faziam algazarra e aparentemente zombavam do capitão, foram arrancadas do ônibus e friamente baleadas. O agricultor Deodato da Paixão e o estudante de engenharia Josué Neto morreram no local. Renato Teixeira Lopes, mesmo tendo sido atingido por sete disparos, sobreviveu milagrosamente. Entre os motivos apresentados pelo oficial que comandou a chacina chama a atenção a alegação de que as vítimas “praticaram atos homossexuais na viagem”.

O crime, por estratégia da defesa, foi parar na Justiça Militar. Alegaram que o capitão Ângelo havia cometido o crime por conta de uma “psicose delirante aguda”. Mesmo assim, ele foi condenado. Ao julgar o recurso, porém, o tri-

bunal entendeu pela inimputabilidade. Mesmo assim, somando-se o tempo de cadeia mais de manicômio judiciário, o capitão passou quase vinte anos isolado da sociedade

A linha de acontecimentos daquela fatídica noite de 31 anos atrás não pode ser modificada. As vítimas estão mortas (inclusive Renato Teixeira que morreu em 2014) e os autores cumpriram suas penas. A Chacina de Salgueiro é agora um ponto triste na história. Mesmo assim, alguns questionamentos precisam ser feitos para que esse passado trágico sirva, ao menos, como lição:

— É possível dizer que um episódio como aquele jamais aconteceria nos dias atuais?

— Nossa sociedade evoluiu quanto à intolerância que leva à violência interpessoal?

— Agentes do estado ainda podem perder o controle e praticar atos violentos por motivos tão banais?

Para responder a estas e outras perguntas, o Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano reuniu especialistas em segurança pública e em psicologia, advogados e jornalistas no seminário “Memória Ativa Debate”.

O jornalista Francisco José, que cobriu o crime desde os primeiros momentos até o julgamento dos assassinos, foi um dos convidados. Nos dias posteriores à chacina, Chico conseguiu furar a “blindagem” feita pela própria PM em torno do caso (é importante lembrar que o Bra-

Debate sobre  
a Chacina de  
Salgueiro teve  
participação do  
público





sil ainda vivia sob uma ditadura) e foi uma das poucas pessoas a conversar com o capitão Ângelo. Em uma entrevista histórica, esclarecedora e, porque não dizer, perturbadora, o jornalista ajudou a jogar luz sobre o crime e seu autor. Experiente, Francisco José percebeu que, supostamente como parte da estratégia de defesa, o acusado esforçou-se para aparecer como “louco” na reportagem.

Gilberto Marques, outro convidado para o debate, foi advogado de Renato Teixeira durante o processo. Para ele, o que aconteceu naquela madrugada só foi possível por conta do autoritarismo da época. Ele lembra que Renato, de quem acabou tornando-se amigo, tinha esperança que o País tivesse mudado e que “algo como aquilo não acontecesse mais”.

Se depender do que pensa o Gerente Geral de Articulação da Secretaria de Defesa Social de Pernambuco, Manoel Carneiro, Renato pode descansar em paz. Carneiro acredita que, pelo menos no estado, seria muito difícil algo como a Chacina de Salgueiro acontecer novamente. “Pernambuco é o segundo estado com menos mortes cometidas por policiais, perdendo apenas para o Distrito Federal”. Ele afirma que isso passa pela formação e capacitação do policial. “Hoje não se cumpre cegamente a ordem de um superior.”

A abordagem psicológica, importante porque a defesa tentou alegar uma “psicose delirante aguda”, foi feita pelo psicólogo social Sílvio Ferreira. Com base nas informações disponíveis sobre o caso, Silvio acredita que o comportamento

do capitão Ângelo no episódio, do ponto de vista da psicanálise, estava mais para uma perversão do que para uma psicose ou mesmo neurose.

O professor-doutor em Comunicação Juliano Domingues, coordenador do Departamento de Comunicação Social da Universidade Católica de Pernambuco, analisou o caso pela ótica da imprensa e acredita que a cobertura jornalística foi fundamental para que não houvesse impunidade. Já o cientista político Manoel Moraes observou a Chacina pelo viés dos Direitos Humanos. “Precisamos criar uma polícia seja operadora dos Direitos Humanos. O que ainda não é”.

Chico José, Manoel Moraes e Manoel Carneiro: a história debatida sob vários pontos de vista

## Espaço para o debate

O “Memória Ativa Debate” é um espaço de debates e reflexão sobre as questões políticas, econômicas e sociais de Pernambuco. “Todos os meses o Arquivo Público fará o resgate de um acontecimento relativamente esquecido não para remendar a história ou julgar de novo os envolvidos, mas para refletir sobre o que mudamos no nosso comportamento desde então e sobre o que precisamos fazer para que tais fatos não se repitam”, explica Evaldo Costa, gestor da instituição e coordenador geral do evento.

TRAVERS



# A Primeira Grande Guerra

O Brasil já venceu o *Aedes aegypti* no passado. Mas as armas de um século atrás serviriam para hoje?

**U**m grupo de agentes sanitários, munidos de bombas para aplicar inseticida, invadiam as casas, muitas vezes em plena madrugada, com o objetivo de eliminar focos do mosquito *Aedes aegypti*. Naquele Rio de Janeiro de 1903, eles eram os soldados de uma intensa guerra travada nas ruas da então capital do Brasil. Os grupos de agentes faziam parte do recém-criado Serviço de Profilaxia da Febre Amarela e foram apelidados pela população de Brigadas Mata-mosquitos. Apesar do apelido sugerir um certo bom humor, eles eram odiados pela maioria das pessoas e até pela imprensa.

Se os “brigadistas” eram os soldados na guerra contra o mosquito, o general era Oswaldo Cruz. O infectologista e sanitário, que estudou no Instituto Pasteur, em Paris, sendo discípulo de Émile Roux, jogou duro contra o mosquito e, por tabela, contra a população. Para isso, ele teve carta branca do Presidente da República Rodrigues Alves, que havia perdido um dos filhos por causa da Febre Amarela.

O apoio político era fundamental já que, além da população e da imprensa, muitos médicos não acreditavam que um mosquito pudesse ser o transmissor da doença. Convicto do que tinha que fazer e com respaldo político, Oswaldo Cruz e seus “mata-mosquitos” partiram para a guerra. A estratégia era militar. A cidade foi dividida em distritos e as “brigadas”

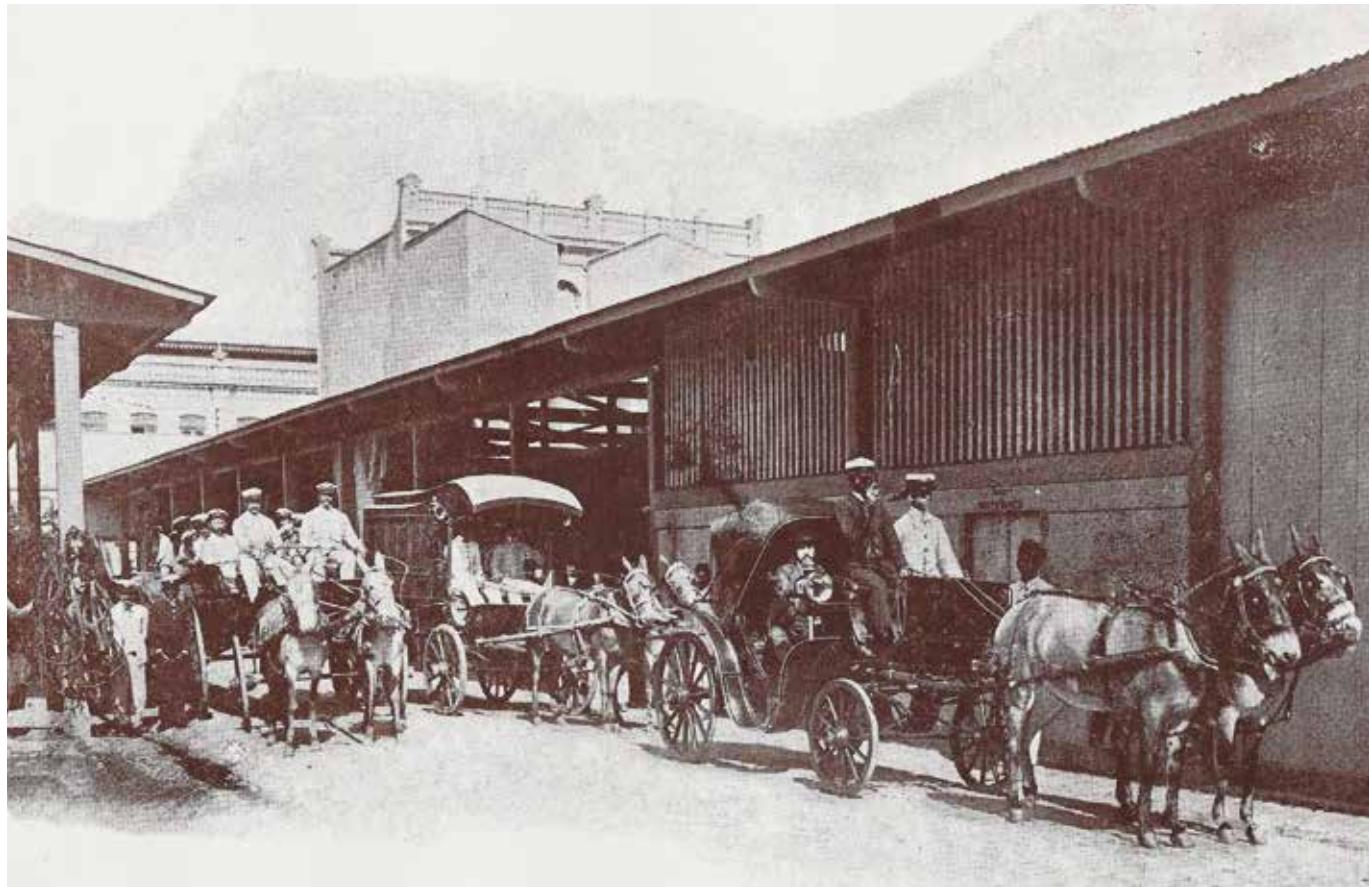
tinham o poder de invadir e isolar qualquer residência suspeita de abrigar focos do *Aedes*. Os doentes também eram compulsoriamente isolados, e as ruas ficaram sob a constante vigilância das autoridades policiais e sanitárias.

O trabalho das “brigadas”, na prática, consistia em percorrer as ruas da capital federal e entrar nas casas, lavar caixas de água, jogar remédio em ralos e bueiros, limpar telhados e calhas, instalar redes de proteção e remover qualquer possível local de desova dos mosquitos. Muito semelhante ao que os agentes de saúde fazem hoje.

Curioso é que naquele início de século 20, a exemplo do que acontece atualmente, também eram três doenças que atacavam a população em forma de epidemia. Além da febre amarela, os soldados de Oswaldo Cruz lutavam para erradicar a Varíola e a Peste Bubônica. Para isso, foi instituída a vacinação obrigatória e o incentivo ao extermínio de rato.

A questão é que a população não gostou da maneira como o poder público agiu para combater as doenças. No entanto, o momento mais tenso aconteceu entre os dias 10 e 16 de novembro de 1904 com a chamada Revolta da Vacina. No dia 14, o jornal carioca *Gazeta de Notícias* descreveu assim os acontecimentos: “Tiros, brigas, engarrafamento de trânsito, comércio fechado, transporte público assaltado e queimado, lampiões quebrados às pedradas, destruição

A batalha de Oswaldo Cruz contra a febre amarela era um dos temas preferidos dos chargistas da época



O Rio de Janeiro do início do século 20 era uma cidade marcada por epidemias

de fachadas dos edifícios públicos e privados, árvores derrubadas. O povo do Rio de Janeiro se revolta contra o projeto de vacinação obrigatório proposto pelo sanitarista Oswaldo Cruz".

A opinião pública estava assustada, principalmente, pelo desconhecimento. Oswaldo Cruz trabalhava com conceitos e ideias muito novas para a época. De conhecido mesmo só a forma autoritária como o Estado, de maneira geral, sempre tratava o povo.

O primeiro ponto estranho à população, e até mesmo a muitos médicos, era a ideia de que a Febre Amarela era transmitida pelo mosquito. O ponto de vista dominante no Brasil, era que o clima, o solo e os ares poderiam ser propícios ao seu surgimento da doença. Só poucos anos antes (1881), em Cuba, o médico Carlos Finlay havia demonstrado que a febre amarela era transmitida pelo *Aedes aegypti*.

Também era difícil convencer a população, essa era a outra ideia "moderna" que Oswaldo Cruz tentava implementar no Brasil, de que a vacina era segura. Apenas três anos antes havia sido inaugurado o Instituto Soroterápico

Federal, primeira Instituição a produzir soro no Brasil. A resistência das pessoas à vacina ia desde o medo da agulha até ao pânico de ser contaminado em vez de imunizado. Isso, sem falar nas questões religiosas.

Polêmicas à parte, o fato é que, em 1907, a febre amarela estava erradicada no Rio de Janeiro (só em 1942 seria considerada erradicada em todas as áreas urbanas do País). No mesmo ano, Oswaldo Cruz participou de uma exposição sobre higiene e demografia em Berlim, e impressionou seus colegas estrangeiros ao apresentar os projetos que realizou no Rio e acabou sendo premiado. Quando voltou, já era visto pela população como um simpático herói.

Pouco mais de um século depois, outra grande guerra sanitária foi deflagrada no Brasil. O inimigo é o mesmo, o mosquito *Aedes aegypti*. Mas os tempos são outros. A questão é: por que não repetimos o que Oswaldo Cruz fez? Seus métodos seriam novamente eficazes?

Entre os especialistas existe quase um consenso que não. Desta vez, Oswaldo Cruz não daria conta da questão. Isso porque, a dimen-

são do problema é, em vários sentidos, muito mais ampla. Sem falar na rejeição ainda maior, mais organizada e até mesmo institucionalizada às medidas autoritárias e ao desrespeito aos direitos humanos.

No sentido demográfico, o Brasil do século 21 e da dengue, zika e chikungunya, é majoritariamente urbano. Nos cem anos pós Oswaldo Cruz, a população nas cidades cresceu exponencialmente enquanto as redes de esgoto não acompanharam esse movimento. Se era factível que as brigadas de mata-mosquitos visitassem cada casa da cidade, hoje isso seria uma tarefa impossível pela própria dimensão dos conglomerados urbanos do País.

Cidades maiores e mais populosas implicam também em mais consumo e, por extensão, em mais lixo. Com potenciais depósitos de água parada espalhados por ruas, quintais, terrenos baldios e espaços públicos em geral o combate ao mosquito tornou-se algo gigantesco e além das possibilidades do poder público enfrentar sem a participação da população.

O outro problema atual é a mobilidade. Os meios de transportes encurtaram “as distâncias”. Na prática, ficou muito mais rápido e mais barato viajar de um ponto a outro do mundo. Se isso é bom para o turismo, por



exemplo, é péssimo para o controle ou combate de epidemias. Como as pessoas, os vírus viajam livres e velozes.

No início do século passado, poucas pessoas se locomoviam por grandes distâncias e, mesmo quando isso acontecia, elas levavam semanas no deslocamento. Ou morriam no caminho ou chegavam no destino curadas. Com isso, os focos de doenças eram muito mais concentrados, enquanto que hoje são muito mais espalhados.

Mas se os métodos de Oswaldo Cruz não são mais eficazes, o poder público e a população de um modo geral poderia se inspirar na determinação do sanitarista. Enquanto esteve à frente do Serviço de Profilaxia da Febre Amarela, ele combateu os focos do mosquito o tempo inteiro, e não apenas nos momentos epidêmicos, como o verão.

Para a historiadora e pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz (COC-Fiocruz), Ana Luce Gião, isso deveria acontecer até hoje. “Se esta prática fosse seguida, controlaríamos o *Aedes*, que é um vetor de doenças como a dengue, a chicungunya e o zika. Os vírus também poderiam ser menos letais.”

Falta de saneamento básico dificulta o combate ao *Aedes Aegypti*



## Santa agulha

A vacinação contra a varíola, entre os hindus, era considerada um ato profano por eles adorarem a deusa da varíola, Shitala Mata. Eles acreditavam que estavam sendo abençoados ao ficarem doentes. As autoridades contornaram o problema alegando que receber a vacina era o mesmo que ser abençoados pela deusa.



REPÓRTER DA HISTÓRIA  
Fatos do passado narrados  
como se tivessem ocorrido  
no presente

8  
REPRODUÇÃO GOOGLE IMAGES

# Operação São José

Construção do mercado público custou 60%  
mais do que o previsto

A primeira reportagem da seção “Repórter da História” trata de supostas irregularidades em uma obra pública importante. São denúncias envolvendo favorecimento no processo de escolha do responsável pela construção, gastos além do previsto, atraso na conclusão do serviço, possível uso de um “laranja” por parte de empreiteiro conhecido e ligado aos políticos locais e também de uma investigação feita pela Câmara Municipal.

Para quem está achando o enredo da história muito familiar, um aviso: não se trata do noticiário da semana e, muito menos, de alguma etapa da operação Lava Jato. Os fatos apresentados nesta matéria aconteceram há pouco mais de 140 anos, durante a construção do Mercado de São José, inaugurado em 1875, no Recife.

A história, aqui narrada no presente, foi reconstituída a partir de antigos documentos oficiais da Câmara Municipal do Recife, da Repartição de Obras Públicas e da Presidência da Província. A base da reportagem, onde estes documentos estão inseridos, analisados e contextualizados é a dissertação de mestrado “Discursos de uma modernidade: as transformações urbanas na freguesia de São José (1860-1880)”, escrita pelo economista e historiador Artur Rocha, em 2003.

**D**ois anos depois de inaugurado, o Mercado de São José ainda continua causando polêmica. O relatório de prestação de contas do quatriênio 1874/1877, enviado ontem pela Câmara Municipal do Recife ao Presidente da Província, Manoel Clementino Carneiro, mostra que o poder público gastou quase 60% a mais do que o previsto na construção do mercado público.

Segundo o documento enviado ao Presidente da Província, os vereadores consideram a construção do moderno mercado, de arquitetura arrojada e o primeiro edifício de ferro erguido no país, a obra mais importante do município realizada durante a legislatura que se encerra. Porém, fica clara a preocupação com o orçamento da Casa.

Um trecho da prestação de contas chama atenção para o estouro do orçamento. “A Câmara contraiu empréstimo com o Banco do Brasil

de trezentos contos de réis (300:000\$000) para esta obra. Quantia que não deu para concluir o trabalho.” O documento segue demonstrando que foi preciso um suplemento de noventa e cinco contos duzentos e vinte e quatro mil reis (95:224\$000) elevando o total para trezentos e noventa e cinco contos duzentos e vinte e quatro mil reis (395:224\$000), “com os juros já pagos de cinquenta e três contos cento e doze mil reis (53:112\$000), com a amortização de vinte sete contos e cem mil réis (27:100\$000), perfazendo todas essas quantias o completo de quatrocentos e setenta cinco contos, trezentos e trinta e seis mil reis (475:336\$000)”, completa o texto oficial consultado pela reportagem. Ou seja, 175\$436\$000 a mais do que o orçado.

O aumento de custo deveu-se a uma série de “imprevistos” durante a execução da obra. Um deles, por exemplo, foi a remoção do chafariz do Pátio da Ribeira de São José (local onde iriam ser realizadas escavações do alicerce do prédio do mercado), para a praça em frente da nova igreja de Nossa Senhora da Penha. A despesa extra, paga pela municipalidade, foi de 1:210\$000.

Outros três contos de réis foram acrescidos ao valor inicial da obra por conta da necessidade (não prevista no projeto) da construção de um telheiro provisório para onde seria removido o açougue público de São José. Depois foram surgindo mais imprevistos como nivelamento e calçamento do pátio, instalação de venezianas para proteger o interior do mercado das chuvas, entre outros.

### PRIMEIRAS POLÊMICAS

Vale lembrar que as polêmicas em torno da construção do mercado público na Freguesia de São José começaram ainda na fase de elaboração do projeto. O inicial foi apresentado pelos dos próprios vereadores da Câmara Municipal do Recife. Porém, ele sofreu grandes transformações em sua estrutura básica feitas pelo engenheiro francês Louis Vauthier, que por longa data estabeleceu residência em Pernambuco e atualmente encontra-se na sua terra natal.

De início, os vereadores não gostaram das modificações e, alegando aumento nos custos, solicitaram a análise de engenheiros locais.

Construção do Mercado de São José foi o símbolo da “modernização” do Recife

Mas as cartas de esclarecimento enviadas por Vauthier deixaram claro que os ajustes por ele propostos deveriam ser realizados para que o projeto tivesse uma melhor adaptação ao clima da região, já que o original tinha levado como base um mercado construído na França. A opinião do engenheiro francês é que deveriam ser levadas em consideração as diferenças climáticas entre as duas cidades.

A segunda polêmica surgiu no dia 7 de fevereiro de 1872, data em que a arrematação da obra de construção do Mercado de São José foi vencida por José Augusto de Araújo. O detalhe é que José Augusto de Araújo é sobrinho de José Antônio de Araújo, o influente Visconde do Livramento, que na época ainda era Barão. O Visconde, que é um dos principais empreiteiros da província e que esteve ou está à frente de várias obras na capital, foi o avalista do sobrinho no processo de arremate. Circula na cidade a suspeita de que o Araújo mais novo seja um “laranja” do Araújo mais velho.

### QUEIXAS

Além de ter que administrar o problema do estouro no orçamento, após a inauguração do moderno mercado público, a Câmara Municipal do Recife também tem recebido muitas queixas de antigos moradores da Freguesia de São José. Muitas das reclamações dizem respeito ao aumento do tráfego de veículos nas novas ruas calçadas. Segundo a população, os pedestres estão tendo dificuldades e, até mesmo correndo risco, com a quantidade de carros, carroças e bondes circulando diariamente.

Sobre o trânsito no centro da cidade e, particularmente na área do novo mercado, a Câmara Municipal informou que tem tomado todas as providências cabíveis e que já criou leis regulamentando a circulação. Segundo os vereadores, a municipalidade remeteu ao Presidente de Província um pedido para aprovação de uma lei que regule a circulação de carros na capital. “Desejando esta Câmara evitar os encontros dos carros, ônibus e outros veículos de condução nas ruas da cidade”, resume o documento.

Ainda sobre o assunto, a Câmara lembra que já existe, desde 1855, a seguinte lei: “Art.1º Nas



ruas desta cidade, em que houver perigo no trânsito dos carros, ônibus e carroças, ou de quaisquer outros veículos de condução, a saída e a entrada será determinada pelo regulamento que fizer a polícia, e os infratores ficarão sujeitos a multa e prisão declaradas no artigo 17 das referidas posturas em todas as suas partes”.

Outro foco de reclamações vem dos pequenos comerciantes e diz respeito aos preços cobrados na licitação para ocupar espaço no mercado. Esses comerciantes, em grande parte, eram os mesmos que negociavam suas mercadorias na feira que existia anteriormente no local onde hoje funciona o mercado.

Esse problema já foi mais sério até o ano passado, quando um espaço no mercado chegava a

## O homem por trás das grandes obras

Um personagem surge sempre que se trata de obras na capital pernambucana: José Antônio de Araújo, antigo Barão do Livramento, elevado a Visconde pelo Imperador Pedro II no ano passado. O Visconde é um dos maiores empreiteiros de Pernambuco na atualidade, tendo várias das ruas da capital sido calçadas pelo mesmo, como também várias outras obras foram financiadas ou garantidas com a participação de sua presença como avalista. Entre elas, a própria construção do Mercado da freguesia de São José.



DIVULGAÇÃO

custar em média mais de um conto de réis. Por ordem da Câmara Municipal, motivada pela ausência de pessoas disposta a pagar o valor estipulado, a quantia foi reduzida em um quinto.

Os comerciantes locais também reclamam do aumento do custo causado pelas medidas que regulamentam o transporte, armazenamento e comercialização de produtos alimentícios. A carne verde, por exemplo, não pode ser transportada em carroças

abertas ou, como comumente era feito, nos ombros dos escravos de ganho. Por lei, o transporte só pode ser feito por “carroças apropriadas e aprovadas pela Câmara Municipal”. Além disso, o empresário está obrigado a transportar todas as carnes de uma vez e até uma hora da tarde.

Os cuidados com os alimentos perecíveis por parte da Câmara Municipal chegam ao ponto de a legislação exigir a determinação das horas dos dias que os gêneros podem ser comercializados, como também a destinação das sobras alimentares que não sejam vendidas. Estas últimas serão enterradas ou lançadas em alto mar, caso apreendidas pela fiscalização.

Os vereadores argumentam que essas, como as demais medidas de higiene aprovadas pela Casa ao longo dos últimos anos, visam garantir a saúde pública, reduzindo os riscos de epidemias que assolam as principais capitais do Brasil e do mundo.

### EM NOME DA MODERNIZAÇÃO

Especialistas ouvidos pela reportagem afirmam que as transformações (tanto as obras quanto as novas regulamentações) que estão ocorrendo nas áreas centrais do Recife e que têm na construção do Mercado Público da Freguesia de São José um dos principais exemplos, fazem parte de um contexto muito maior, inserindo-se nas ideias de modernização e higienização urbana iniciadas nas principais cidades europeias, tendo Paris como maior modelo.

Como Paris e Rio de Janeiro, o Recife vem buscando organizar o espaço urbano, livrá-lo das condições antigas, desordenadas e sem padrões. Acabar com a insalubridade em que vive a população de forma geral, mas principalmente a de baixa renda. Mesmo que isso signifique expulsar os mais pobres para a periferia da cidade.

## Passo a passo da construção:

É criada uma comissão de vereadores para encontrar locais na cidade adequados para abrigar um mercado público.

Vereadores definem a freguesia de São José como o local para a construção do mercado.

Câmara Municipal apresenta o projeto inicial.

Projeto sofre modificações feitas pelo engenheiro francês Loius Léger Vauthier.

Vereadores questionam modificações, mas projeto defendido por Vauthier é mantido após defesa do engenheiro francês.

Câmara Municipal remete uma carta para a Presidência da Província pedindo liberação de verba para a realização da obra.

Presidência da Província autoriza a Câmara a contrair, junto ao Banco do Brasil, empréstimo no valor de trezentos contos de réis.

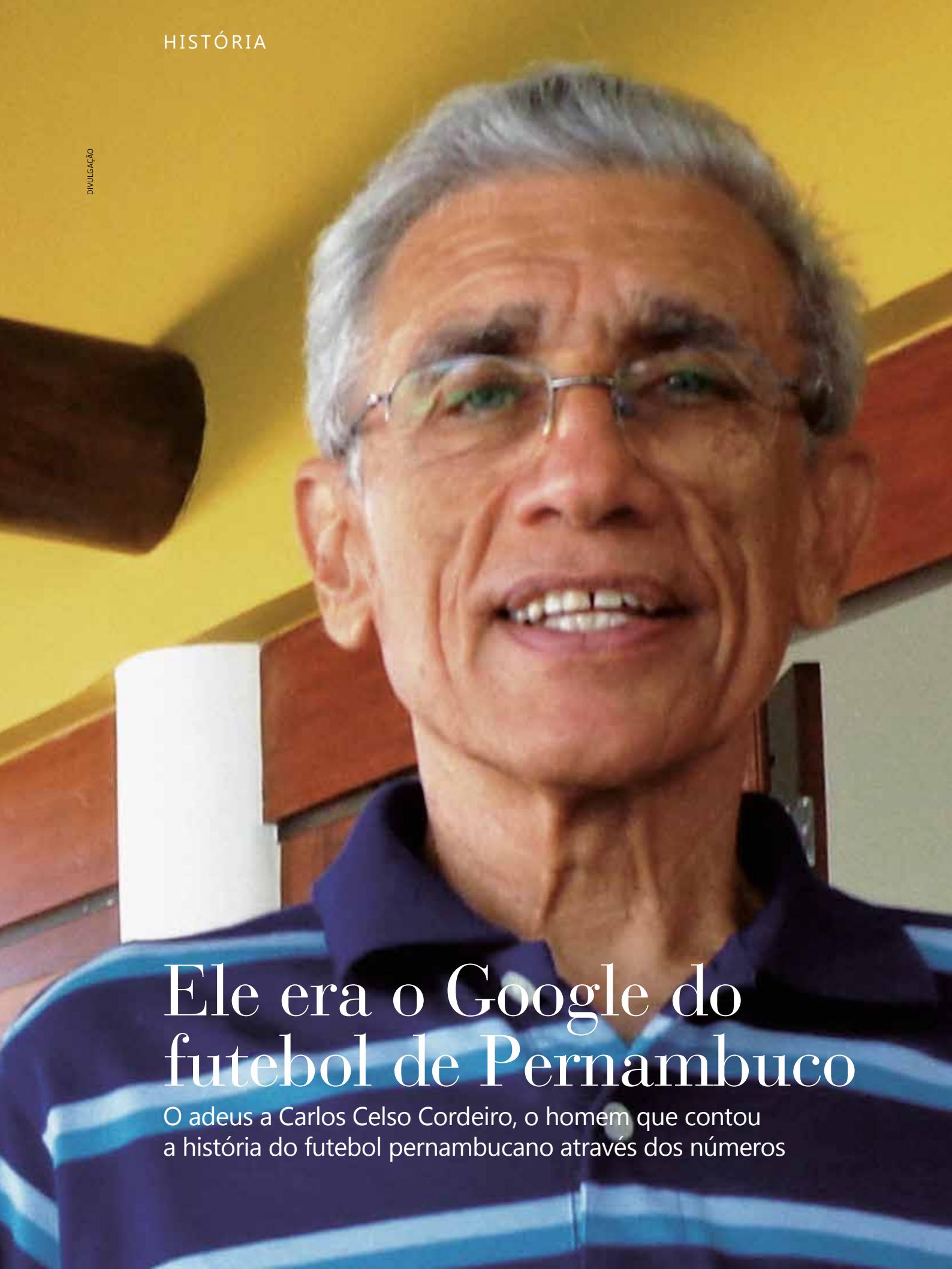
Província desapropria terreno na Freguesia de São José onde será construído o mercado público.

Câmara Municipal do Recife publica edital para a arrematação da obra de construção do mercado.

A arrematação da obra de construção do Mercado de São José foi vencida por José Augusto de Araújo, empreiteiro que teve como avalista o Barão do Livramento, seu tio.

Começa a construção do mercado.

Em 7 de setembro de 1875 é inaugurado o Mercado Público da Freguesia de São José.



# Ele era o Google do futebol de Pernambuco

O adeus a Carlos Celso Cordeiro, o homem que contou a história do futebol pernambucano através dos números



“**L**iga para Carlos Celso”. A frase, repetida ao ponto de virar um bordão nas redações esportivas de Pernambuco, resumia de forma simbólica a importância do pesquisador Carlos Celso Cordeiro para o futebol do Estado. Desde o dia 24 de janeiro, porém, a frase não pode mais ser gritada por nenhum jornalista. O pernambucano de Tabira e radicado no Recife, que tinha informações sobre praticamente todos os jogos realizados no Estado morreu, aos 72 anos, em decorrência de uma leucemia crônica.

O curioso é que o maior pesquisador do futebol pernambucano começou seu trabalho como um hobby. Torcedor do Náutico, ele recortava dos jornais e colava em um caderno as fichas dos jogos do seu clube do coração. A partir de 1982, o trabalho passou a ser sistemático. Carlos Celso frequentava quase que diariamente a hemeroteca do Arquivo Público, na Rua do Imperador. Em um trabalho de garimpagem da informação, lia e revisava todas as edições à disposição, confrontando dados dos jornais, inclusive dos que não existem mais. Anotava tudo: escalações, gols, públicos, bilheterias, arbitragens e outras informações que encontrasse pelo caminho.

Em 1992, o engenheiro aposentado da Chesf comprou seu primeiro computador. A aquisição deu um maior impulso e agilidade ao trabalho de pesquisa e, principalmente, na organização das informações coletadas. Em mais de 30 anos de pesquisa, Carlos Celso montou o maior banco de dados sobre o futebol pernambucano, com aproximadamente 20.200 partidas registradas desde a primeira, em 1905.

Graças ao banco de dados criado, alimentado e gerenciado com afinco por Carlos Celso, as informações sobre o futebol pernambucano puderam ser ordenadas, classificadas, cruzadas e comparadas. Como era de se esperar, conteúdo tão precioso acabou chamando a atenção da imprensa esportiva. E o telefone dele não parou mais de tocar. Seus dados irrigaram, durante quase duas décadas, os textos de dezenas de jornalistas.

Também publicou 21 livros com o produto de suas pesquisas. O primeiro, em 1996, com o título de “Náutico – Retrospecto de todos os jogos”, traz um levantamento estatístico de todos os jogos do Timbu entre 1909 e 1969. Depois, vieram mais

Carlos Celso catalogou os dados de mais de 20 mil partidas de futebol

Carlos Celso era um torcedor apaixonado pelo Náutico

três volumes, dessa vez detalhando as partidas de Sport e Santa Cruz. Quando morreu, Carlos Celso preparava-se para mais uma publicação, desta vez sobre o centenário do Clássico das Multidões, como é conhecido confronto entre rubro-negros e tricolores, que acontecerá em maio de 2016. Assim, ele repetiria o que foi feito em 2009, nos 100 anos de jogos entre Náutico e Sport.

Na generosa relação com a imprensa (ele sempre atendeu os pedidos com gentileza, rapidez e eficiência), Carlos Celso acabou criando alguns amigos. Cassio Zirpoli, do Diário de Pernambuco, foi um deles. Editor do Blog de Esportes, Cassio é o jornalista pernambucano que mais trabalha com dados estatísticos e números relacionados ao futebol. Para Cassio, Carlos Celso redefiniu a história do futebol pernambucano. “Poucos estados no Brasil têm esse levantamento que Pernambuco tem. Graças a Carlos Celso. Ninguém fez algo parecido.”

Segundo Cassio, que durante 11 anos manteve contato direto com o pesquisador, só por conta de Carlos Celso puderam ser respondidas perguntas como, por exemplo: “Quem ganhou mais clássicos? Quem foi o maior artilheiro de cada equipe? Quando aconteceu o primeiro jogo da história de cada grande clube? E o maior público?”. Para o jornalista, a morte dele foi algo irreparável. “O futebol pernambucano tem que agradecer.”

Aqui, só um parêntese para não deixar as perguntas usadas como exemplo por Cassio Zírpoli no ar. Consultando os dados de Carlos Celso é possível dizer que o Sport ganhou mais clássicos (436, contra 361 do Santa Cruz e 342 do Náutico). Quanto aos maiores artilheiros, Bita marcou 224 vezes pelo Náutico, Tará fez 207 gol pelo Santa e Traçaia, 202 pelo Sport.

O primeiro jogo de futebol do Sport aconteceu no dia 22 de junho de 1905 contra o English Eleven, um time formado por funcionários de companhias inglesas sediadas no Recife, terminando empatado em 2 x 2. Já o Náutico teve sua primeira partida em 25 de julho 1909, no campo do British Club, com uma vitória por 3 x 1 contra o Sport. O último dos três rivais a estrear foi o Santa Cruz, em 1914 goleou o Rio Negro por 7 x 0, na campina do Derby.

Já o maior público entre clubes em Pernambuco foi registrado na partida em que o Sport venceu o Náutico por 2 x 0. Naquela tarde de 15

DIVULGAÇÃO



de março de 1998, o estádio do Arruda recebeu 80.203 torcedores. O jogo foi pelo campeonato estadual.

#### CRAQUE DAS LETRAS

Outro jornalista que construiu laços profissionais e pessoais com Carlos Celso foi Marcelo Cavalcanti, editor do blog Arquibancada no site Globo Esporte. “O futebol pernambucano perde muito com a morte de Carlos Celso. Seu trabalho de resgatar a história era algo que sempre mereceu respeito e admiração. E para nós jornalistas era algo espetacular. Principalmente porque ele era um fidalgo. Prestativo até a máxima potência. Estava sempre disposto a ajudar, repassando informações preciosas para enriquecer os textos históricos dos jornais. Até ligava para saber se existia alguma dúvida.”

Marcelo, que prepara um livro contando a história de um importante personagem do futebol pernambucano, diz estar sentindo muita falta do amigo. “Carlos Celso não foi jogador profissional e nem defendeu o clube que amava dentro de campo. Era, na verdade, um craque das letras. Sabia a história do futebol pernambucano de cor e salteado. E tinha a preocupação de não apenas preservar a história, mas principalmente de propagá-la.”

Agora a missão cabe ao filho de Carlos Celso, Luciano Guedes. “Papai fez a parte mais difícil. Só preciso continuar atualizando o banco de dados.”

# Assim começou a Imprensa Oficial

No dia 14 de janeiro de 1916, portanto há cem anos, circulava em Pernambuco o primeiro número do jornal “Imprensa Official”. Eram oito páginas, no tamanho A4. O veículo era destinado, exclusivamente, à publicação de atos oficiais dos diversos setores da administração estadual.

REPRODUÇÃO



Cem anos depois, o “Diário Oficial de Pernambuco” continua a circular. Só que agora, apenas na versão digital.

ENTREVISTA

DIVULGAÇÃO

# A última entrevista de Clarice Lispector

A autora de "A paixão segundo G. H."  
fala da vida sete meses antes de morrer



Esta entrevista foi concedida há quase meio século, ao repórter Júlio Lerner, da TV Cultura. Depois de gravada, a escritora pediu que a conversa só fosse divulgada após sua morte. Foi ao ar dez meses depois. Clarice morreu em dezembro de 1977, aos 57 anos

**Clarice Lispector, de onde veio esse Lispector?**

É um nome latino, não é? Eu perguntei a meu pai desde quando havia Lispector na Ucrânia. Ele disse que há gerações e gerações anteriores. Eu suponho que o nome foi rolando, rolando, rolando, perdendo algumas sílabas e foi formando outra coisa que parece “Lis” e “peito”, em latim. É um nome que quando escrevi meu primeiro livro, Sérgio Milliet (eu era completamente desconhecida, é claro) diz assim: “Essa escritora de nome desagradável, certamente um pseudônimo...”. Não era, era meu nome mesmo.

**Você chegou a conhecer o Sérgio Milliet pessoalmente?**

Nunca. Porque eu publiquei o meu livro e fui embora do Brasil, porque eu me casei com um diplomata brasileiro, de modo que não conheci as pessoas que escreveram sobre mim.

**Clarice, seu pai fazia o que profissionalmente?**

Representações de firmas, coisas assim. Quando ele, na verdade, dava era para coisas do espírito.

**Há alguém na família Lispector que chegou a escrever alguma coisa?**

Eu soube ultimamente, para minha enorme surpresa, que minha mãe escrevia. Não publicava, mas escrevia. Eu tenho uma irmã, Elisa Lispector, que escreve romances. E tenho outra irmã, chamada Tânia Kaufman, que escreve livros técnicos.

**Você chegou a ler as coisas que sua mãe escreveu?**

Não, eu soube há poucos meses. Soube através de uma tia: “Sabe que sua mãe fazia um diário e escrevia poesias?” Eu fiquei boba...

**Nas raras entrevistas que você tem concedido surge, quase que necessariamente, a**

**pergunta de como você começou a escrever e quando?**

Antes de sete anos eu já fabulava, já inventava histórias, por exemplo, inventei uma história que não acabava nunca. Quando comecei a ler comecei a escrever também. Pequenas histórias.

**Quando a jovem, praticamente adolescente Clarice Lispector, descobre que realmente é a literatura aquele campo de criação humana que mais a atrai, a jovem Clarice tem algum objetivo específico ou apenas escrever, sem determinar um tipo de público?**

Apenas escrever.

**Você poderia nos dar uma ideia do que era a produção da adolescente Clarice Lispector?**

Caótica. Intensa. Inteiramente fora da realidade da vida.

**Desse período você se lembra do nome de alguma produção?**

Bem, escrevi várias coisas antes de publicar meu primeiro livro. Eu escrevia para revistas – contos, jornais. Eu ia com uma timidez enorme, mas uma timidez ousada. Eu sou tímida e ousada ao mesmo tempo. Chegava lá nas revistas e dizia: “Eu tenho um conto, você não quer publicar?” Aí me lembro que uma vez foi o Raimundo Magalhães Jr. que olhou, leu um pedaço, olhou para mim e disse: “Você copiou isso de quem?” Eu disse: “De ninguém, é meu”. Ele disse: Você traduziu?” Eu disse: “Não”. Ele disse: “Então eu vou publicar”. Era sim, era meu trabalho.

**Você publicava onde?**

Ah, não me lembro... Jornais, revistas.

**Clarice, a partir de qual momento você efetivamente decidiu assumir a carreira de escritora?**

Eu nunca assumi.

**Por quê?**

Eu não sou uma profissional, eu só escrevo quando eu quero. Eu sou uma amadora e faço questão de continuar sendo amadora. Profissional é aquele que tem uma obrigação

consigo mesmo de escrever. Ou então com o outro, em relação ao outro. Agora eu faço questão de não ser uma profissional para manter minha liberdade.

**A sua produção ocorre com frequência ou você tem períodos?**

Tenho períodos de produzir intensamente e tenho períodos-hiatos em que a vida fica intolerável.

**E esses hiatos são longos?**

Depende. Podem ser longos e eu vegeto nesse período ou então, para me salvar, me lanço logo noutra coisa, por exemplo, eu acabei uma novela, estou meio oca, então estou fazendo histórias para crianças.

**Como você explica a Clarice Lispector voltada para a literatura infantil?**

Começou com meu filho quando ele tinha seis anos, seis ou cinco anos, me ordenando que escrevesse uma história para ele. E eu escrevi. Depois guardei e nunca mais liguei. Até que me pediram um livro infantil. Eu disse que não tinha. Eu tinha inteiramente esquecido daquilo. Era tão pouco literatura para mim, eu não queria usar isso para publicar. Era para o meu filho. Aí lembrei: "Bom, tenho, sim". Então foi publicado. Foram publicados três livros de literatura infantil e estou fazendo o quarto agora.

**É mais difícil você se comunicar com o adulto ou com a criança?**

Quando me comunico com criança é fácil porque sou muito maternal. Quando me comunico com o adulto, na verdade, estou me comunicando com o mais secreto de mim mesma.

**O adulto é sempre solitário?**

O adulto é triste e solitário.

**E a criança?**

A criança tem a fantasia solta.

**A partir de que momento, de acordo com a escritora, o ser humano vai se transformando em triste e solitário?**

Ah, isso é segredo. Desculpe, não vou responder. A qualquer momento da vida, basta um choque um pouco inesperado e isso acontece. Mas eu não sou solitária. Tenho muitos amigos. E só estou triste hoje porque estou cansada. No geral sou alegre.

**Normalmente o contato do jovem estudante com você revela que tipo de preocupação?**  
Revela coisas surpreendentes, que eles estão na minha.

**O que significa "estar na sua"?**

É que eu penso às vezes que eu estou isolada e quando eu vejo estou tendo universitários, gente muito jovem, que está completamente ao meu lado e é gratificante, não é?

**Nós ouvimos com frequência que as novas gerações pouco leem no Brasil. Você confirma isso?**

Bem, os universitários são obrigados a ler porque impõem a eles a obra. Agora não estou a par dos outros.

**De seus trabalhos qual aquele que você acredita que mais atinja o público jovem?**

Depende. Por exemplo, o meu livro "A Paixão Segundo G.H", um professor de português do Pedro II veio até minha casa e disse que leu quatro vezes e ainda não sabe do que se trata. No dia seguinte uma jovem de 17 anos, universitária, disse que este é o livro de cabeceira dela. Quer dizer, não dá para entender.

**E isso acontece em relação a outros trabalhos seus?**

Também em relação ao outros trabalhos, ou toca ou não toca. Suponho que não entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato. Tanto que o professor de português e literatura, que deveria ser o mais apto a me entender, não me entendia. E a moça de 17 anos lia e relia o livro, não é? O que é um alívio.

**Antes de nos encontrarmos aqui no estúdio você me dizia que está começando um novo trabalho agora, uma novela...**

Não, eu acabei a novela.



Clarice, aos nove anos de idade, em parque na cidade do Recife

**Que novela é essa, Clarice?**

É a história de uma moça que só comia cachorro-quente. A história é de uma inocência pisada, de uma miséria anônima...

**O cenário dessa novela é...**

É o Rio de Janeiro... Mas o personagem é nordestino, é de Alagoas...

**Onde você foi buscar a inspiração, dentro de si mesma?**

Eu morei no Recife, me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro, tem uma feira de nordestinos no Campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá. E peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí começou a nascer a ideia. Depois eu fui a uma cartomante e ela disse várias coisas boas que iam acontecer e imaginei, quando tomei o táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas aquelas coisas boas. Então a partir daí foi nascendo também a trama da história.

**Qual o nome da heroína da novela?**

Não quero dizer. É segredo.

**E o nome da novela, você poderia revelar?**

Treze nomes, treze títulos.

Rilke, em seu livro “Cartas a um Jovem Poeta”, respondendo a uma das missivas, pergunta a um jovem que pretendia se tornar escritor: se você não pudesse mais escrever, você morreria? A mesma pergunta eu transfiro a você.

Eu acho que, quando não escrevo estou morta.

**Esse período?**

É muito duro, esse período entre um trabalho e outro, e ao mesmo tempo é necessário para haver uma espécie de esvaziamento para poder nascer alguma outra coisa, se nascer. É tudo tão incerto...

**Clarice, mas como é que você escreve? Existe algum horário específico?**

Em geral de manhã cedo. As minhas horas preferidas são as da manhã.

**Você acorda a que horas?**

Quatro e meia, cinco horas. Fico fumando, tomando café, sozinha sem nenhuma interferência. Quando estou escrevendo alguma coisa eu anoto a qualquer hora do dia ou da noite, coisas que me vêm. O que se chama inspiração, não é? Agora quando estou no ato de concatenar as inspirações, aí sou obrigada a trabalhar diariamente.

**Você se considera uma escritora popular?**

Não.

**Por qual razão?**

Me chamam de hermética. Como é que eu posso ser popular sendo hermética?

**E como você vê esta observação “hermética”?**

Eu me comprehendo. De modo que não sou hermética para mim. Bom, tem um conto meu que não comprehendo muito bem...

**Que conto?**

“O ovo e a galinha”.

**Entre seus diversos trabalhos existe um filho predileto. Qual aquele que você vê com maior carinho até hoje?**

“O ovo e a galinha”, que é um mistério para mim. Uma coisa que eu escrevi sobre um bandido, um criminoso chamado Mineirinho, que morreu com três balas quando uma só bastava. E que era devoto de São Jorge e que tinha uma namorada.

**Sobre esse seu trabalho em torno de Mineirinho, qual o enfoque você deu?**

Eu não me lembro muito bem, já faz bastante tempo. Há qualquer coisa assim como “o primeiro tiro me espanta, o segundo tiro não sei o que, o terceiro tiro...” Eu me transformei no Mineirinho, massacrado pela polícia. Qualquer que tivesse sido o crime dele uma bala bastava, o resto era vontade de matar. Era prepotência.

*“Bom, agora eu morri. Mas vamos ver se eu renasço de novo. Por enquanto eu estou morta. Estou falando do meu túmulo”*

**Em que medida o trabalho de Clarice Lispector no caso específico de Mineirinho pode alterar a ordem das coisas?**

Não altera em nada. Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa.

**No seu entender, qual é o papel do escritor brasileiro hoje?**

De falar o menos possível.

**Você tem mantido contato com outros escritores?**

Eventualmente.

**Quais aqueles que você acredita serem os mais significativos?**

Eu prefiro não citar nomes porque eu vou esquecer alguns e vai ofender, vai ferir. Assim, eu não cito ninguém.

**Você discute muito com a Clarice Lispector escritora?**

Não. Eu me deixo ser...

**E convivem em paz?**

Ás vezes não em paz, mas...

**Normalmente, que tipo de problema a Clarice Lispector escritora traz a você?**

Às vezes o fato de me considerar escritora me isola.

**Por qual razão?**  
Me põe um rótulo.

**E você acredita que as pessoas olham para você através desse rótulo?**

Às vezes através desse rótulo. Tudo o que eu digo, a maior bobagem, é considerada como uma coisa linda ou uma coisa boba. É por isso que não ligo muito para essa coisa de ser escritora e dar entrevistas e tudo.

**Você acredita que uma pessoa vá a uma livraria comprar especificamente um livro de Clarice Lispector?**

Parece que isso acontece. Eu sei porque às vezes me telefonam e me perguntam em que

livraria encontram meu livro. Então eu sei que tem pessoas que vão procurar exatamente o meu livro. É que no fundo eu escrevo muito simples, sabe?

**Será que as coisas simples hoje são recebidas de maneira complicada?**

Talvez, talvez... Eu escrevo simples. Eu não enfeito.

**Na sua formação como escritora quais aqueles autores que você sente que realmente lhe influenciaram, que marcaram?**

Eu não sei realmente porque misturei tudo. Eu lia romance para mocinhas, livro cor-de-rosa, misturado com Dostoiévski. Eu escolhia os livros pelos títulos e não pelos autores. Misturei tudo. Fui ler, aos treze anos, Hermann Hesse, [o romance] “O Lobo da Estepe”, e foi um choque. Aí comecei a escrever um conto que não acabava nunca mais. Terminei rasgando e jogando fora.

**Isso ainda acontece de você produzir alguma coisa e rasgar?**

Eu deixo de lado... Não, eu rasgo sim.

**É produto de reflexão ou de uma emoção?**

Raiva, um pouco de raiva.

**De quem?**

De mim mesma.

**Por que, Clarice?**

Sei lá, estou meio cansada.

**Do quê?**

De mim mesma.

**Mas você não renasce e se renova a cada trabalho novo?**

Bom, agora eu morri. Mas vamos ver se eu renasço de novo. Por enquanto eu estou morta. Estou falando do meu túmulo. (Entrevista reproduzida do YouTube Brasil)

Clarice escreveu três livros infantis. O primeiro deles para atender um pedido do filho



# De Diderot à nuvem de dados

## Wikipédia, a revolucionária enciclopédia colaborativa, faz 15 anos

DIVULGAÇÃO



Denis Diderot levou 21 anos para concluir sua Encyclopédie, a "ancestral" da Wikipédia

Wiki é a palavra havaiana para rápido. No mundo da internet, além da ideia de velocidade, o termo também tem o sentido de colaboração. Em janeiro de 2001, o ex-operador de bolsa de valores Jimmy Wales e o desenvolvedor de sistemas Larry Sanger juntaram os conceitos de velocidade e colaboração para criar uma enciclopédia virtual, sem fins lucrativos e que

poderia ser escrita ou modificada por qualquer pessoa. Há 15 anos nascia Wikipédia.

A ideia, que a princípio parecia loucura (como poderia dar certo uma enciclopédia escrita e editada por qualquer um, a qualquer hora e de qualquer lugar ligado à internet?), fez justiça ao nome e os verbetes começaram a se multiplicar em velocidade espantosa.

Um mês após seu lançamento, a Wikipédia tinha mil artigos. No quarto aniversário já chegava a um volume de informação maior do que o da tradicional Encyclopédie Britânica. Atualmente, transformou-se no site de referência mais popular da internet, com 500 milhões de usuários por mês e mais de 38 milhões de artigos em 250 idiomas.

A Wikipédia é um projeto revolucionário como foi, há cerca de 250 anos, a Encyclopédie, a obra francesa que compilava e organizava, dentro do possível, o conhecimento humano da época. Nela estava contida a essência do pensamento e das ideias do iluminismo.

A Encyclopédie começou a ser editada em 1750 por Jean le Rond d'Alembert e Denis Diderot, levou 21 anos para ficar pronta. Em 1772, tinha 71.818 artigos e 2.885 ilustrações. Dentre os iluministas que colaboraram com a obra estavam figuras como Voltaire, Rousseau e Montesquieu.

## A Wikipédia segundo ela mesma

Wikipédia é um projeto de enciclopédia multilíngue de licença livre, baseado na web, escrito de maneira colaborativa e que se encontra atualmente sob administração da Fundação Wikimedia, uma organização sem fins lucrativos cuja missão é "empoderar e engajar pessoas pelo mundo para coletar e desenvolver conteúdo educacional sob uma licença livre ou no domínio público, e para disseminá-lo efetivamente e globalmente." Integrando um dos vários projetos mantidos pela Wikimedia, os mais de 30 milhões de artigos (910.752 em português em 25 de fevereiro de 2016) hoje encontrados na Wikipédia foram escritos de forma conjunta por diversos voluntários ao redor do mundo; e quase todos os

verbetes presentes no site podem igualmente ser editados por qualquer pessoa com acesso à internet e ao sítio eletrônico <http://www.wikipedia.org>. Em outubro de 2013, havia edições ativas da Wikipédia em 277 idiomas. A Wikipédia foi lançada em 15 de janeiro de 2001 por Jimmy Wales e Larry Sanger e tornou-se a maior e mais popular obra de referência geral na Internet, sendo classificado em torno da sétima posição entre todos os websites do Alexa e tendo cerca de 365 milhões de leitores.



A Wikipédia é uma ferramenta de pesquisa amplamente utilizada por estudantes e tem influenciado o trabalho de publicitários, pedagogos, sociólogos e jornalistas, que usam seu material mesmo que nem sempre citem suas fontes.



## Notícias do Império

O *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, é um dos mais antigos do País. Fundado em 1º de outubro de 1827, é apenas dois anos mais novo do que o *Diario de Pernambuco*, o periódico mais antigo em circulação na América Latina.

Ao completar 188 anos, o jornal carioca ganhou um presente. A Biblioteca Nacional já digitalizou as edições que vão de 1827 a 1900 e, em breve, estarão disponíveis para a consulta do público. Ao todo,

foram cerca de 85 mil páginas digitalizadas, material de valor inestimável para pesquisadores do período do Império, notadamente da escravidão no Brasil.

Depois da digitalização, o processo encontra-se agora na fase de tratamento técnico, quando é feito o reconhecimento ótico dos caracteres e a indexação das palavras para que os usuários possam, pela internet, fazer a busca por palavras-chaves em todo o conteúdo textual da coleção.

## Moeda comestível



Há 500 anos, as especiarias eram produtos cobiçadíssimos e usados apenas pelos nobres

Pimenta-do-reino, cravo-da-índia, noz-moscada. Espaciarias que, hoje em dia, são encontradas com facilidade em qualquer despensa, por volta do século XIV eram produtos cobiçadíssimos. Coisa de gente nobre. De tão caro, funcionava como moeda. Servia para pagar dotes de princesas, eram deixadas como herança e até usadas no pagamento de impostos. Outro uso muito comum na Europa para o produto trazido da Ásia era subornar altos funcionários públicos. Sim, já existia suborno naquela época. Consta que as especiarias também serviam para temperar alimentos.

## Navegar é preciso

Além de escrever, Fernando Pessoa passou boa parte da vida lendo e, claro, guardando os livros que achava relevantes. Ao morrer, o maior poeta de língua portuguesa deixou uma biblioteca particular com aproximadamente 1.200 livros de vários gêneros e idiomas, densamente anotados e manuscritos.

Agora, esse “tesouro” está disponível para consulta, gratuita, na internet. A digitalização do acervo foi feita pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa com o apoio de uma equipe internacional de investigadores. Segundo a escritora Inês Pedrosa, que durante seis anos dirigiu a Casa Fernando Pessoa, “trata-se de uma biblioteca aberta ao infinito da interpretação



— bela, surpreendente e instigante, como tudo o que Fernando Pessoa criou”. Quem quiser navegar pelo acervo digitalizado basta acessar o site da instituição (<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/>).



## *E o Zeppelin cruzou os ares recifenses*

No dia 22 de maio de 1930 os recifenses ficaram com os olhos grudados no céu.

Neste dia chegava da Alemanha, pela primeira vez no Brasil, o LZ 127 Graf Zeppelin.

O dirigível fazia a ligação direta entre a capital pernambucana e a Europa. Durante

oito anos o Recife recebeu a imponente aeronave alemã. Mesmo assim, cada vez que o dirigível prateado surgia no horizonte a cidade se alvoroçava. As passagens do Zeppelin ficaram registradas em inúmeras fotos, como esta em que o gigante, de 236 metros de comprimento, paira sobre o Rio Capibaribe com a luz do sol refletida em sua estrutura prateada e com seu aspecto sereno.

# Cepe

---

## DOC

Gerenciar documentos é garantir segurança e agilidade ao que realmente importa.

Tecnologia, segurança, agilidade e melhor custo-benefício são os principais diferenciais que fazem da gestão de acervo documental temporário uma ação tão importante. A Cepe Doc, segmento da Companhia Editora de Pernambuco, oferece os serviços de guarda, gestão e digitalização de documentos para todos os órgãos públicos do estado de Pernambuco.



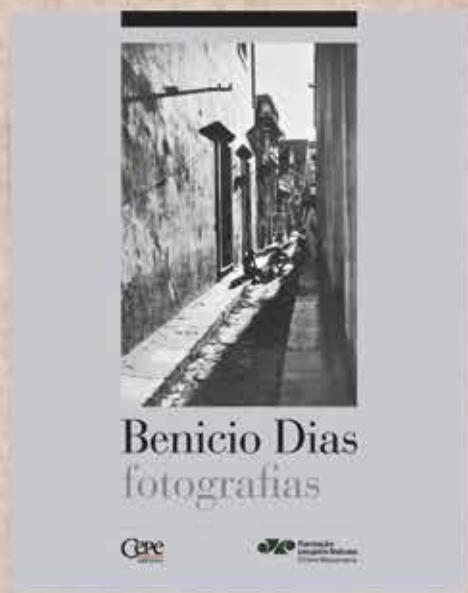
### Confira como você pode requisitar nossos serviços:

Se você já conta com alguma empresa contratada que ofereça serviços similares, aguarde o fim do seu contrato e entre em contato com a Cepe Doc.

Caso não haja nenhum vínculo com outra empresa, marque uma visita técnica para descobrir quais são as suas reais necessidades e conheça os diferenciais da Cepe Doc.

Para mais informações, entre em contato com nossa equipe comercial.  
(81) 3183-2709  
[doc@cepe.com.br](mailto:doc@cepe.com.br)

# Conheça os últimos lançamentos da Cepe Editora



Albertina Otávia Lacerda Malta  
Rita de Cássia Barbosa de Araújo (Orgs)  
**Benicio Dias**  
**Fotografias**

O livro, lançado em parceria pelas editoras Cepe e Massangana, apresenta em cerca de 200 fotos a memória social do Recife de 1930 a 1950 e as transformações urbanísticas e arquitetônicas que marcaram a capital pernambucana.



Valéria Torres  
da Costa e Silva (Org)  
**Como polpa  
de ingá maduro:  
poesia reunida  
de Ascenso Ferreira**



Souza Barros  
**A década 20  
em Pernambuco**



Homero Fonseca  
**Pernambucânia:  
o que há nos  
nomes das  
nossas cidades?**

Adquira esses e outros títulos no site  
[editora.cepe.com.br](http://editora.cepe.com.br)

**Cepe**  
EDITORIA